

TOPONÍMIA FLUVIAL TANABIENSE

A carta hidrográfica do município de Tanabi, a nominata de suas correntes líquidas, desde os maiores rios que sulcam o continente americano, encabeçados pelo volumoso coletor do planalto — o *Paraná*, semelhante ao mar, até os miniguados filetes de água que desaparecem na estação estival, formando tudo isso um aranhol potamográfico digno, não dêste ensaio, mas de acurado estudo, sôbre atraírem nossa atenção, levam-nos a desenvolver conceitos e a consignar, de passagem, paralelos e agrupamentos adrede estabelecidos, sem outro intuito que documentar os nossos fastos regionais

Circunscrição de mais largo domínio territorial, entre as que compõem o curioso mosaico paulistano, Tanabi tem a assinalar-lhe os contornos externos, não marcos convencionais de madeira e de pedra, efêmeros e percíveis na marcha impiedosa do tempo, mas, sim, o caminho sinuoso de seus coleantes rios lindeiros, tornando-o, por assim dizer, típica e essencialmente mediterrâneo, embora submetta-o a um regime de isolamento forçado com a vizinhança comunal, dada a relativa ausência de pontes e outros meios de comunicação. Somente a breve trecho, que não vai além de trinta quilômetros, distância que separa a foz do *Jataí* das cabeceiras do córrego da *Gramma*, só aí, nesse acanhado trato de terras, perlongam as raias limitrofes pelas cumiadas do espigão mestre, portanto em terra firme. Pelos demais pontos, a linha perimétrica acompanha o talvegue de três importantes caudais e seus mais antigos afluentes, dando-lhe características nítidas e perenes. Assim, o *São José dos Dourados* e seus tributários da margem direita — o *Fortaleza* e o *Gramma*, separam-no de Monte Aprazível onde, há mais de um decênio, se acha instalada a sede comarcal; o *Turvo*, por si e por intermédio de seus concorrentes esquerdos, o *Preto* e o *Jataí*, define-lhe a jurisdição com Paulo de Faria, Palestina e Nova Granada, três jovens prefeituras, dentre as quais, a última, já obteve sua alforria judiciária, aos fundos, a muralha branca do conjunto *Grande-Paraná* — cujas águas correm ligeiras com pressa de chegar — situa-lhe as divisoras com Minas e Mato Grosso, os colossos do centro brasileiro. Estamos, pois, em face de divisas ideais, *in natura*, tal qual preconizava o erudito geógrafo gaulês Elisée Reclus, ao estudar a gênese das divisões políticas dos estados e municípios, contrapondo-as às formações artificiais e forçadas.

Ultimamente, poiém, pelo novo quadro territorial da República, perdeu Tanabi alentada faixa de terras em benefício de seu congênere Pereira Barreto, sediado, com propósitos de louvável brasilidade, no populoso quisto amarelo batizado por Novo Oriente. Essas terras, situadas na junção das bacias dos rios *Paraná* e *Dourados*, formam a quasi totalidade das imensas glebas latifundiárias conhecidas por Araras e Ponte-Pensa e abrangem centenas de mil alqueires, torrão feracíssimo e inexplorado, futuro celeiro da zona Araraquaiense, na atualidade, e sem nenhum favor, o maior centro produtor do Estado. As novas divisas traçadas orientam-se águas acima do ribeirão *Maribondo* até sua cabeceira, ganham o *divortium aquarum* dos rios *Grande-São José* e vão em demanda das cabeceiras do ribeirão da *Lagoa Seca* pelo qual descem até o rio *Grande*, a meia distância entre a magestosa *Cachoeira dos Índios* e a confluência do *Paranaíba*.

Mas, não temos intensão de bordar comentários acêrca de tão momentoso assunto, por nós já ventilado em outros escritos. Anima-nos, tão só e exclusivamente, tecer ligeiros e despreziosos confrontos referentes às denominações ribeirinhas, aos rios e riachos, arroios, córregos, regatos e nascentes, de curso normal ou transitório, no vasto *hinterland* tanabiense que, embora seccionado pela recente divisão, de que nos ocupamos, comporta ainda área não muito inferior a dez mil quilômetros quadrados, vantagem que lhe confere primazia no cômputo de superfície entre os duzentos e setenta municípios de São Paulo.

Os rios exercem marcada influência no comportamento humano. E' para gozar das vantagens dêstes caminhos naturais e de fácil acesso que o povoamento

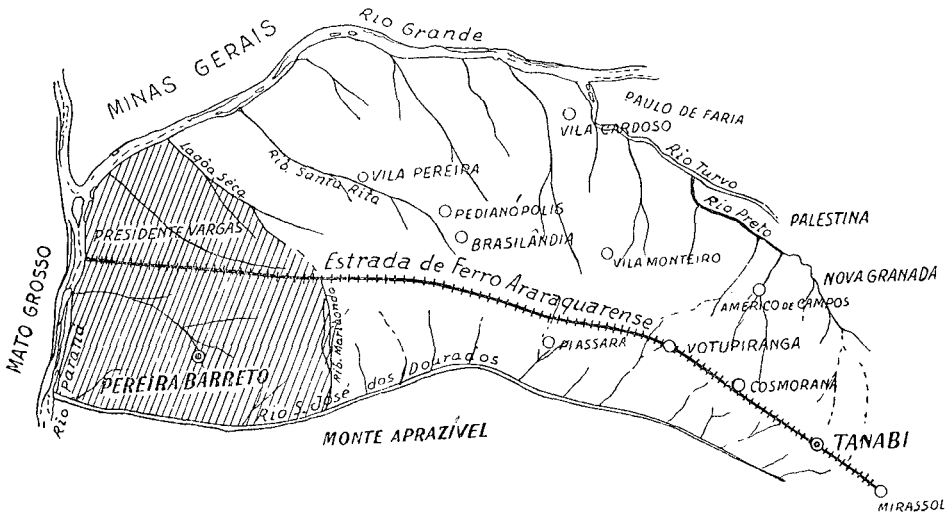
procura, no início, de preferência e quasi exclusivamente, a margem dos rios, escreve Caio Prado Júnior. Além de excelente campo de alimentação pela pesca e pela água — indispensável à vida — servem de meios de comunicação, e, por isso, junto deles, se aglomeram os homens. A civilização egípcia desenvolveu-se tôda próximo aos deltas e no vale do famoso Nilo e, para usarmos “prata de casa” diremos que os rios foram aliados do brasileiro na penetração do país; as bandeiras e monções, aproveitando o fenômeno de que os nossos rios interiores correm, não para o mar, mas para o sertão, em suas memoráveis entradas seguiram as trilhas indígenas e as vias fluviais, sendo os primeiros estabelecimentos fundados à sua jusante e montante. Os pioneiros e sertanistas dêstes rincões, violaram a selva municipal, há mais de uma centúria, indiretamente, pelas vertentes do Turvo e do Grande, vindos da Farinha Podre, a hodierna Uberaba, ou do incipiente Arraial dos Trinta Fogos, atual cidade de Parnaíba e, de modo direto, através os campos vicinais dos córregos e ribeirões, por invias picadas, com passagem forçada pelas cercanias da vetusta São José do Rio Preto. Construíram êles (no que foram imitados pelos demais que se lhe seguiram), bem rente aos cursos de água e com a fachada muitas vèzes voltada para estes, suas primitivas cabanas de pau-a-pique, toscos ranchos de madeira cobertos de fôlhas de coqueiros, cavacos de árvores, capim e sapé — reminiscências dos romanos e sarracenos, conforme opina Gilberto Freire, aí faziam e até hoje fazem profusa criação de gado de espécies várias, encurralados em fechos e cercados, ou mais à larga em poteiros e invernadas, tendo por base, ao fundo, a aguada indispensável, aí se instalaram as dependências da habitação rural — currais e chiqueiros, casinhas de despêjo, paióis, cocheiras, horta e demais edificações agro-pecuárias, todos os marcos da chamada “civilização caipira” de que nos fala João Carlos Fairbanks, em recente trabalho sôbre a Alta Sorocabana. O monjolo, o moinho de fubá e a roda de água exerceram e exercem privilegiada atuação na economia rural sertaneja. Só mais tarde, com o densamento da população, constituída, em parte de elementos alienígenas, portadores de novos costumes é que o roceiro — por antonomásia “beira-corgo”, em virtude de seus hábitos, arraigados — resolveu edificar sua moradia em terras mais altas, a regular distância da correnteza, quer em fileiras ou “colônias”, quer isoladas em “retiros” e “fazendas” estas na acepção de casa-grande, passando a dar aos animais domésticos, água extraída de cacimbas e cisternas postas em grandes cochos de madeira à sombra de copadas árvores. Só assim foi possível condensar o povoamento além dos vales e baixadas nos taboleiros enxutos e pelas lombadas distantes da linfa cristalina.

Das denominações de um riacho, de um manancial mais ou menos importante, vem, muitas vèzes, os nomes dos bairros e das localidades que daí surgem. Todos os nossos núcleos de população, sem exceção de um só, tornaram-se conhecidos pelos nomes dos córregos onde se localizam: o Mangue, o Perobas, o Malhador, o Grama, o Alegria e tantos outros todos êles são servidos por pequenas águas de quem herdaram seu nominativo próprio. A maior parte das povoações do município Américo de Campos, Vila Monteiro, Piassava, Vila Cardoso, Vila Nova, Boa Vista, Tanabi mesmo situam-se a cavaleiro de ribeirões mais ou menos pândos, ao passo que Cosmorama, Vila Gestal, Brasilândia, Votuporanga, Pedranópolis, Vila Pereira, Ibioporanga etc., chantanam-se mais ao alto, em aclives bem feitos, ainda que não mui distantes do líquido precioso. Relevar notar que os modernos “plantadores de cidades” preocupam-se com a excelência climática, com a topografia, o panorama e outros fatores não menos desprezíveis — meios de transporte e facilidades de comunicações, equidistância de outros centros, terras propícias às lides agricultoras e pastorís, etc.

Tanabi o simpático topônimo que, por ocasião da criação do distrito de paz, nos últimos dias de 1906, substituiu sua anterior denominação Jataí, então singelo

aglomerado de casas rudimentares em tórno ao velho largo, ponto de reunião de boiadeiros e peões, pouso forçado de tropas e boiadas em constantes idas e vindas a Mato Grosso, — esse mesmo sonoro vocábulo, tomado à encantadora língua ameríndia, significa, nada mais, nada menos, que “rio das borboletas”, a exemplo de Tatuí — rio dos Tatús, Pirai — rio do peixe, conforme ensina Plínio Airosa, ilustrado tupinólogo bandeirante, em que pese definição contrária de “madeira adstringente que aperta”, homenagem, talvez, à sua flora arbustiva rica em tanino. Dessarte, seu próprio nome acha-se vinculado ao elemento líquido. Fundada que foi nossa *urbs* na foz do Jataí (*Hymenae courbaril*), árvore de fruto duro ou Jatobá e do Bacurí (*Slatonia insignis*, Mart), palmeira de elevado porte encontra-se, não obstante esse fato, assente em magnífica lombada e cresce, como a civilização, rumo ao Oeste e em direitura ao traçado da ferrovia que ora demanda o sertão, prolongando seus trilhos até Presidente Vargas, ex-Pôrto do Tabuado, seu ponto terminal.

Os grandes imóveis rústicos, lembrando as sesmarias do período colonial, receberam, outrossim, os nomes dos córregos e ribeirões que banham suas terras, definido seu perímetro pela divisão judicial, são as grandes fazendas devidamente registradas *in primo loco*. Acontece, porém, haver invasão de área e um imóvel absorver outro já inscrito e, muitas vezes, nomes distintos são aplicados à



mesma propriedade comum, por quem quer que tenha interesse em criar confusão e arrebancar alheios direitos, dando, assim, origem aos famigerados “grilos” que infestam as zonas novas e que se tornam espantalhos dos adquirentes de boa fé, mas paraíso dos espertalhões que deles aurem pingues lucros. Fazendas há, bastante dilatadas, que se tornam conhecidas por uma e mais toponímias variantes “Marinheiro” ou “Barra das Pedras” e “Anhumas”, “Cachoeira dos Tomazes” ou “Macaúbas”, “Fortaleza” com seu aposto “Pinheiros”, “Água Vermelha” também designada “Quirozes”, “Nova” ou “Ribeirão Bonito”, “Viradouro” sub nomeada “Espriado”, “Pádua Diniz” que atende pelos nomes de “Cervo” e “Aparecida”, deixando de mencionar, propositalmente, as hipotéticas ou duvidosas “Coriedeira-Grande”, “Buritís”, “São Martinho”, “Alegria” “Ribeirão dos Vianas”, “Córrego do Monjolo”, “Saltinho da Boa Vista” e outras que a fantasia humana registra. Assim, numa simbiose perfeita, as fazendas Jataí, Perobas, Fortaleza, Nova, Prata, Piedade, Barra Mansa, Cachoeira dos Felícios, Água Vermelha, Santa Rita, Araras, Marinheiro, Águas Paradas, Guariroba, Viradouro, São João e São Pedro, Jagora, Ranchão, Barrinha, Carrilho, Ponte Pensa, Pádua Diniz, Cachoeira dos Tomazes tôdas elas receberam seus toponimos idênticos aos dos

córregos que sulcam e transitam nesses sítios Dêsses nomes, uns memoram antigos posseiros e habitantes da redondeza, outros nomes de santos tirados do hagiológico cristão, côres do prisma, bemfeitorias humanas, símbolos dos reinos naturais, um acontecimento qualquer, em suma variação, diversidade, memória.

E, para encerrar estas sensaboronas nótulas, colhidas a esmo, vamos tentar grupar, em classes e correlações, os nomes dos nossos “caminhos que andam” na feliz e expressiva imagem de Pascal:

Antroponímicos — Boaventura, Antônio Bento, Cabeceira do Pio, Neco Fachina, Cabeceira do Adolfo, João Caetano, Constantino, Prudêncio, Pádua Sales, Pelágio, Chico Gabriel, José Antônio, Pádua Diniz, Manuel, Egídio, J Costa, Juca Barão, Davi, Juvêncio, Carneiro, José Leopoldino, Lino Alves, Honório, Nelson, Geraldo, Queirozes, Bernardo, João Clemente, Isaac, Caio, Lúcio e Araújo

De agricultura — Roça, Capoeira, Quiçassa, Mata.

Construções civís — Ponte Pensa, Ranchão, Tapera, Cambão, Monjolo, Girau, Carrinho, Estiva, Moinho, Cocho, Abarracamento, Pulador.

Flora — Mandioca, Carandiuva, Burití, Perobas, Angola, Aroeira, Capituva, Pimenta, Jataí, Cana do reino, Erva d’Anta, Feijão Queimado, Sapé, Marinheiro, Grama, Cedro, Perobinhas, Guariroba, Coqueiro, Cambaúbas, Coqueiral, Piassava, Arroz, Paineiras, Açoita Cavallo, Limoeiro, Taquari, Bacurí, Goiaba, Capim, Jambeiro,

Fauna — Veado, Gatão, Mutum, Queixada, Cervo, Anta, Onça, Jacú, Sucurí, Jaguar, Irara, Tapir, Tatú, Garças, Capivara, Cavalinho, Jaú, Itaguaba, Sapinho, Taiassú, Anhumas, Perua, Maribondo, Sapo, Motuca, Jagora, Cancan, Abelha, Tangará, Jacutinga, Corvo, Cotia, Araras, Jacú Queimado

Configuração do terreno — Rochedo, Melo, Espraiado, Sumidouro, Corredeira-Grande, Divisa, Pontal, Barrinha, Esgôto Grande, Varginha, Fundo, Vertente Comprida, Estreito, Lagoa Sêca, Resfriado, Varjão, Pôrto, Chapadão, Comprido, Barra-Mansa, Cacimba, Saltinho.

Caminhos e natureza do solo — Barreiro, Pedras, Barro Preto, Cabeceira da Estrada, Arrancado, Cabeceira das Minas, Prata, Lajeado, Barreirinho, Mangue, Lagoa Sêca, Resfriado, Água Parada, Água Quente, Água Limapa, Água Suja

Sentimentos humanos, estados de alma — Cachoeira Feia, Confusão, Fortaleza, Boa Vista, Alegria, Retiro, Cariri, Tristeza, Soledade, Suspiro, Piedade, Engano, Perdido, Dúvida, Bonito, Formoso,

Mitológico — Cachoeira da Sereia.

De religião — São Pedro, São João, São Domingos, Santo Antônio, São Martinho, Santa Rita, Santana, São José, São Roberto

Côres do prisma — Água Vermelha, Turvo, Preto, Anil, Água Amarela, Cachoeira Dourada

Diversos — Três Irmãos, Quebra Cocão, Coivara, Linguíça, Quebra Carros, Costela, Malhador, Guamirim, Tupí

SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA

Do Instituto Histórico e Geográfico de S Paulo

Eis aquí um caminho prático para o seu patriotismo: — ajude o Serviço Nacional de Recenseamento a fazer os próximos Censos Brasileiros.